

SERRA, C. Interface sintaxe-prosódia: uma entrevista com Carolina Serra. ReVEL, v. 24, n. 47, 2026. [www.revel.inf.br].

Interface sintaxe-prosódia: uma entrevista com Carolina Serra

Carolina Serra¹²

ReVEL – Considerando sua trajetória como uma pesquisadora da área, poderia nos contar um pouco sobre a história do estudo da prosódia no Brasil e sobre como o campo tem se desenvolvido, principalmente em relação aos estudos sobre a interface sintaxe-prosódia?

CAROLINA SERRA – Começo dizendo que não conseguirei dar conta da história do estudo da prosódia no Brasil, mas vou tentar dar notícias do que conheço e, infelizmente, muitos nomes e estudos ficarão de fora pela minha própria limitação. Pretendo, na verdade, apresentar uma parte modesta do que tem sido produzido e circulado sobre a área, embora a produção em prosódia seja bastante pujante.

Logo de partida, também preciso dizer que os estudos prosódicos se subdividem, pelo menos, em quatro grandes categorias linguísticas: acento (lexical e secundário), ritmo, qualidade de voz e tom/entoação. Também há uma prosódia que avalia timbre, frequências formânticas, unidades de duração/quantidade, e ainda uma prosódia mais fonética e uma prosódia mais fonológica, que segue o mesmo paradigma do que entendemos amplamente do que seja do campo de atuação de uma e de outra; uma divisão, até certa medida útil, explicitamente consolidada pelo Círculo Linguístico de Praga, na década de 1920. Minhas ideias sobre isso, ou seja, sobre a fonética e a fonologia da prosódia, estão brevemente apresentadas em dois

¹ Doutora; Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

² Agradeço a Aline Fonseca (UFJF), Eduardo Rezende dos Reis (Do-UFRJ), João Moraes (Titular-UFRJ), Leandro Lisboa (Do-UFRJ), Manuella Carnaval (UFRJ), Mayara Gak (Do-UFRJ) e Vitor Caldas (Pós-Doc Faperj Nota 10-UFRJ) pela leitura de uma versão preliminar deste texto e pelas sugestões valiosas para a construção da sua versão final. Todas as inconsistências são de minha inteira responsabilidade.

verbetes que escrevi e que vão aparecer em uma publicação da Editora da Abralín, a sair em breve (*Concise Encyclopedia of Speech Sciences*, org. Plínio Barbosa, Tommaso Raso e Gustavo Silveira), e, por enquanto, podem ser acessados em <https://gepf.falar.org/entries/7/> e <https://gepf.falar.org/entries/8/>.

Por ter sido desde cedo na Graduação integrada ao grupo de pesquisa do Prof. João Moraes (Prof. Titular UFRJ) – pelas mãos das Profas. Cláudia Cunha (Profa. Associada UFRJ) e Dinah Callou (Profa. Emérita UFRJ) – minhas leituras, minha formação e meus interesses se concentraram na entoação, embora o João já tivesse/tenha trabalhado com as categorias mais diversas no universo da prosódia, da fonética e da fonologia. Sendo assim, inevitavelmente, vou direcionar minha atenção aqui aos estudos sobre a entoação do português do Brasil (doravante, PB). Mais ainda se justifica esse recorte, visto que a primeira pergunta desta entrevista se desdobra, inquirindo sobre como o campo tem se desenvolvido, *principalmente em relação aos estudos sobre a interface sintaxe-prosódia*. Os estudos sobre entoação têm contribuído sobremaneira para o entendimento do grau de conexão entre a sintaxe e a prosódia – entendidas como dois subsistemas da gramática – como terei a oportunidade de comentar mais adiante.

Antes, entretanto, vou retornar às décadas de 1970 e 1980, para mencionar estudos fundadores sobre a entoação do PB, anteriores à consolidação no Brasil do modelo Autossegmental-Métrico de Janet Pierrehumbert e de seus desenvolvimentos por Robert Ladd e outros, e do Modelo IPO (*Instituut voor Perceptie Onderzoek/ Institute for Perception Research*) de 't Hart, Collier e Cohen. São eles os estudos de Aubert (1976), Fernandes (1976), Gebara (1976), Cagliari (1980, 1982), Rizzo (1981), Hochgreb (1983), Moraes (1984) e Reis (1984), com a maioria dos quais tive contato já nos anos 2000. Muitas dessas pesquisas brasileiras se inspiraram nos estudos sobre a entoação do inglês (tanto britânico quanto americano)³ – Pike (1945), Crystal (1969), Halliday (1970, 1973), Lehiste (1970), Liberman (1979), entre outros – e tiveram uma componente forte de experimentação fonética para a testagem de suas hipóteses.

³ O estudo de Moraes (1984) – sua tese de doutorado sobre a entoação modal do português do Brasil – se filia à escola francesa de análise da entoação, associada a Ivan Fónagy. Essa tradição se caracteriza por integrar fonética experimental, psicofonética, semântica, pragmática e estilística, buscando compreender a entoação como um fenômeno simultaneamente físico, linguístico e expressivo.

Gostaria de abrir um parêntese para comentar que, dos teóricos da antiga, considero que Halliday (1970, 1973), a partir de um modelo funcionalista, lança muitas questões para a posteridade abraçadas por outros paradigmas teóricos, quando postula os conceitos (sistemas) de *tonalidade*, *tonicidade* e *tom*, entendidos, respectivamente, como a delimitação dos grupos tonais nos enunciados de fala (segmentação entoacional), localização das proeminências no grupo tonal (ancoragem dos tons no texto segmental) e modulação melódica intencional do grupo tonal (direção da curva melódica). Assim, de todas as funções linguísticas que a entoação pode exercer, temos aqui representadas três: a função segmentadora (demarcando/fraseando o discurso em agrupamentos prosódicos e/ou distinguindo estruturas sintáticas), a função informacional (destacando elementos mais importantes no enunciado) e a função ilocucionária (indicando modos de frase). Ficam também patentes as relações que a entoação terá com a sintaxe, a semântica e a pragmática. E fecho o parêntese.

Retomando os estudos sobre a entoação do PB mencionados acima, alguns mais fonéticos outros mais fonológicos, considero que eles realizaram a pavimentação da área, buscando apresentar uma primeira descrição das unidades entoacionais (também chamadas de grupo fônico, grupo acentual, grupo de força, unidade tonal, grupo tonal, grupo prosódico, frase entoacional), dos tons básicos do sistema entoacional (níveis melódicos), dos contornos melódicos finais e internos às frases entoacionais, das pistas entoacionais da organização informacional do discurso (informação dada/nova), da entoação enfática, da caracterização dos contornos entoacionais de algumas modalidades de frase (asserção, pergunta, pedido e ordem) e da identificação de diferenças melódicas perceptíveis no nível da compreensão.

Nas décadas seguintes, os estudos sobre a entoação começaram a ganhar caminhos os mais variados, ampliando, aprofundando e colocando em questionamento o conhecimento anteriormente produzido sobre a entoação do PB. Entre muitos outros, posso mencionar os estudos de Moraes (1993, 1998, 2008), Callou *et al.* (1993), Freitas (1995), Tenani (1996, 2002), Gonçalves (1997, 1998), Madureira (1999), Cunha (2000), Frota & Vigário (2000), Oliveira Jr. (2000, 2003), Orsini (2003), Fernandes (2007), Raso *et al.* (2007), Antunes (2007, 2011), Madureira, Paes & Fontes (2007), Stein (2008), Trukenbrodt, Sândalo & Abaurre

(2008), Serra (2009, 2016), Lucente & Barbosa (2009), Fonseca (2012), Lucente (2012), Silvestre (2012, 2021), Madureira & Tamashiro (2013), Soncin (2014), Castelo (2016), Ferreira Netto *et al.* (2017), Martins & Ferreira Netto (2017), Miranda (2019), Ferreira Netto (2020), Carnaval (2021), Caldas (2022) e os estudos subsequentes desses autores e seus grupos de pesquisa, já que a grande maioria continuou e continua trabalhando com entoação, nos mais variados âmbitos e perspectivas teórico-metodológicas. Diversos grupos de pesquisa nas universidades brasileiras têm contribuído para o avanço dos estudos da área, e com os estudos prosódicos de forma mais ampla, em interfaces com aquisição da linguagem, variação linguística, ensino, terapia da fala, processamento da fala e tecnologia da fala.

Relativamente aos estudos de interface sintaxe-prosódia, a pesquisa brasileira se desenvolveu de forma notável a partir dos anos 2000, sob a forte influência de duas teorias fonológicas de base gerativa, a Fonologia Prosódica e a Fonologia Entoacional Autossegmental-Métrica e, mais recentemente, incorporando abordagens experimentais, perceptivas, multimodais (acústico-prosódicas e visual-gestuais) e de processamento de sentenças. Observando estrutura prosódica e entoacional, nos termos das duas teorias supramencionadas, vêm sendo desenvolvidas, por exemplo, pesquisas sobre desambiguação de sentenças, com vistas a demonstrar que o falante utiliza informações prosódicas no *input* do processamento mental de frases muito precocemente, guiando a interpretação sintática da estrutura e auxiliando na compreensão adequada da mensagem.

Outra forte linha de estudos de interface é aquela que investiga o fraseamento prosódico da fala (segmentação do fluxo da fala em frases prosódicas) em diálogo com a constituição sintática das sentenças. Através de regras de mapeamento que relacionam as duas estruturas e de evidências do contorno melódico, as pesquisas se dedicam a descrever, por exemplo, como são fraseadas sequências não estruturalmente anexadas à oração raiz, como orações relativas, clivadas, expressões parentéticas, perguntas de confirmação (*tag questions*), marcadores discursivos⁴,

⁴ O modelo recente de Wiltschko (2021) busca “sintaticizar” a linguagem interacional, fundamentado pela premissa de que o sistema computacional opera igualmente sobre fenômenos pragmático-discursivos; sob essa perspectiva, revela-se como um arcabouço promissor para o mapeamento da correspondência estrutural entre sintaxe, prosódia e discurso, ao estabelecer uma vinculação mais direta entre contornos entoacionais, marcadores conversacionais e posições específicas da hierarquia sintática.

tópicos⁵, vocativos, elementos exclamativos, elementos movidos na estrutura, lacunas de elementos sintáticos etc. A literatura prosódica também tem dedicado espaço à análise de orações coordenadas e subordinadas, da enumeração, do sujeito redobrado e das estruturas de tópico e de sujeito. A entoação é um dos recursos que sinalizam a organização prosódica, que, por sua vez, está imbricada com a organização sintática das sentenças/enunciados da fala. Os linguistas estão interessados em elucidar *como* se dá essa interação.

ReVEL – A interface entre prosódia e outras subáreas da linguística como fonética e psicolinguística tem se mostrado bastante produtiva. Na sua visão, o que motiva e justifica o estudo da interface da prosódia com a sintaxe especificamente?

CAROLINA SERRA – Acho que o que motiva os estudos de interface de maneira geral é o entendimento de que os componentes da gramática funcionam, em alguma medida, de forma integrada. A entoação tem sido referida como “o triângulo de ouro da linguística, localizando-se no ponto onde a sintaxe, a fonologia e a semântica se encontram” (Goldsmith, citado por Moraes, 1993). As diferentes abordagens teóricas vão buscar explicitar essa integração de maneiras diferentes e as teorias fonológicas de base gerativa vão promover uma aliança bastante forte entre fatores prosódicos e sintáticos.

O que justifica a interface da prosódia com a sintaxe, mais especificamente, é a assunção de que, para serem bem-formadas, as sentenças da língua devem ser bem enunciadas, no sentido de que a atribuição de um determinado contorno melódico à sentença ou um determinado modo de segmentar o fluxo da fala irá apontar para a constituição sintática e para o valor semântico do que está sendo dito. Por outro lado, também é preciso dizer que toda estrutura sintática vem acompanhada de/é guiada por prosódia, ainda que silenciosa.

⁵ O estudo de Frascarelli & Hinterhölzl (2007) é importante para quem estuda a relação entre sintaxe, prosódia e discurso em constituintes tópicos. Para o PB, Rezende dos Reis (2025) tem considerado a tipologia tripartite proposta por aqueles autores (*aboutness*, *contrast* e *familiar*), relacionando essas categorias discursivas à análise do redobro do sujeito e suas propriedades entoacionais.

Por exemplo, enquanto escrevo este texto, estou atribuindo prosódia ao que escrevo, escuto uma prosódia interna, nos termos por Chafe (1988). Durante a leitura silenciosa ocorre o mesmo: o leitor projeta mentalmente uma estrutura prosódica sobre a sentença, ou seja, o leitor organiza a sentença em unidades prosódicas, que podem ser percebidas por meio de muitas pistas diferentes, como pausas, acentos/proeminências, ritmo e entoação. Segundo Fodor (1998, 2002a, 2002b) e muitos dos adeptos da sua teoria, entre os quais linguistas e psicolinguistas brasileiros, essa prosódia implícita pode influenciar a maneira como o leitor realiza o processamento sintático e resolve ambiguidades estruturais. Fodor defende que os modelos de processamento de sentenças precisam incorporar a prosódia, pois evidências mostram que a prosódia pode ser projetada mentalmente, mesmo durante a leitura silenciosa, e influenciar o processamento sintático.

Pela ótica da Fonologia Prosódica (Nespor & Vogel 2007[1986]), podemos pensar que essa estrutura prosódica é constituída por uma hierarquia de constituintes prosódicos (do menor para o maior na hierarquia: sílaba, pé métrico, palavra prosódica, grupo clítico/grupo de palavra prosódica, sintagma fonológico, sintagma entoacional e enunciado fonológico), que são fundamentais para a organização da fala. Na verdade, podemos pensar no sentido inverso: observando os fatos de algumas línguas, Nespor & Vogel propuseram uma teoria para dar conta da organização da fala em constituintes prosódicos. Esses fatos que evidenciam a existência dos constituintes prosódicos acima dos segmentos podem ser o acento lexical, que faz referência tanto ao constituinte sílaba (e à sua estrutura interna) quanto ao pé métrico e mesmo à palavra prosódica; a distribuição de acentos tonais nas sentenças, que faz referência à palavra prosódica, ao sintagma fonológico e ao sintagma entoacional; a aplicação ou bloqueio de processos fonológicos (elisão, degeminação, ressilabificação, retração acentual), que irão depender da localização dos segmentos nos domínios do sintagma fonológico e do sintagma entoacional; a ocorrência da melodia principal da frase bem como de alongamentos silábicos e ocorrência de pausas, que fazem referência tanto ao sintagma entoacional quanto ao enunciado fonológico. Uma vasta exemplificação de fenômenos prosódicos e segmentais que apontam para uma hierarquia prosódica – e para sua relação com constituintes morfossintáticos, como a palavra morfossintática, o sintagma sintático e

as orações – é encontrada em estudos sobre o português do Brasil, entre os quais, menciono apenas os de Bisol (1996, 1999, 2000a, 2000b, 2002, 2013) e os de Tenani (2002, 2004, 2006).

A investigação casada desses dois componentes da gramática permite entender até que ponto a estrutura sintática determina o fraseamento prosódico, o realce de estruturas e tantos outros fenômenos, e, inversamente, até que ponto a prosódia fornece evidências para a interpretação adequada da estrutura sintática. Em síntese e sem esgotar o assunto, acho que o que motiva o estudo da interface da prosódia com a sintaxe, fundamentalmente, é a pergunta instigante sobre como sintaxe e prosódia, organizando o contínuo sonoro de maneiras diferentes, se articulam para que a língua seja produzida, percebida e compreendida eficientemente.

ReVEL – Pensando ainda na interface sintaxe-prosódia, de qual objeto de estudo vai se ocupar o pesquisador dessa área? Quais são as especificidades e os desafios teóricos e metodológicos de trabalhar com uma interface?

CAROLINA SERRA – Ao longo deste texto, já venho mencionando alguns objetos de estudo que têm merecido a atenção dos pesquisadores da área e vou aqui mencionar mais alguns temas dos estudos de interface sintaxe-prosódia no Brasil. Os estudiosos, seus grupos de pesquisa e estudantes, tanto prosodistas quanto sintaticistas e psicolinguistas, têm se dedicado àquela interface na aquisição da escrita, na leitura, na oralidade e seus *reflexos* na escrita não convencional, na análise de estruturas contrastivas com foco e seu efeito no fraseamento entoacional, na descrição de estruturas parentéticas, de orações relativas, de tópicos, de apostos e de deslocamentos de constituintes sintáticos, muitas vezes incorporando processamento, percepção e tecnologia da fala. Abordagens experimentais segundo os princípios da fonologia de laboratório e da fonética acústica (utilizando muito instrumental eletrônico) são aplicadas a grandes *corpora* de fala espontânea e também à fala controlada, além de recorrer a técnicas psicolinguísticas mais avançadas de rastreamento ocular e pupilometria, a técnicas de análise pela síntese

de fala e a técnicas da chamada prosódia visual, para a detecção de pistas visuais realizadas na produção de categorias linguísticas.

No que se refere aos instrumentais utilizados para a análise sonora, o programa Praat constitui uma das ferramentas mais importantes e mais utilizadas nos estudos prosódicos; é um software gratuito e de livre acesso, disponível para diferentes sistemas operacionais e reúne, em uma única plataforma, recursos para visualização, segmentação, anotação e análise do sinal acústico. O Praat possibilita a análise detalhada de parâmetros de frequência fundamental (Fo), duração, intensidade e formantes, além de permitir o desenvolvimento de uma quantidade enorme de *scripts*, para atender às demandas metodológicas das pesquisas. Desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, o programa permite associar a análise acústica ao texto segmental e realizar a anotação fonológico-entoacional por meio de *TextGrids*, possibilitando, por exemplo, delimitar unidades sintático-prosódicas, identificar eventos tonais, mensurar durações e correlacionar propriedades acústicas a categorias fonéticas, fonológicas, sintáticas e discursivas. Isso diz um pouquinho dos objetos e das especificidades metodológicas do trabalho com a interface.

No que concerne aos desafios, penso que os de natureza teórica venham sendo mitigados pelo refinamento dos modelos, mas sempre há o que se questionar, principalmente se levarmos em conta a assunção da universalidade de algumas propostas face ao conjunto de línguas tipologicamente muito diversas a serem descritas. Podemos pensar na Fonologia Prosódica, que há 40 anos lançou uma base muito forte para o estudo da prosódia em conversa com a sintaxe. Nespor & Vogel (2007[1986]) propuseram que a estrutura prosódica das línguas é organizada em uma hierarquia de domínios bem definidos, operando de forma autônoma em relação à estrutura sintática, mas mantendo com ela uma ligação estreita, já que a sintaxe (de superfície) atua como um gatilho no mapeamento inicial de constituintes prosódicos, fornecendo as informações estruturais necessárias para que as regras de formação prosódica construam esses domínios em um nível de representação independente. Os processos fonológicos segmentais e prosódicos não se aplicam diretamente aos constituintes sintáticos, como sintagmas sintáticos e orações, mas, sim, sobre

constituintes prosódicos, como a palavra prosódica, o sintagma fonológico e o sintagma entoacional.

Para realizar esse mapeamento, o modelo utiliza regras de alinhamento que mapeiam fronteiras sintáticas em fronteiras prosódicas, levando em consideração parâmetros como a cabeça do sintagma sintático e seu entorno, e a ramificação dos constituintes. Informações sobre o lado da recursividade sintática e a relação entre núcleo sintático e complemento também são importantes para a formação dos domínios prosódicos. Uma vez mapeados os domínios, a sintaxe deixa de intervir: as regras fonológicas passam a atuar estritamente dentro dos limites desses constituintes prosódicos ou nas suas fronteiras, dependendo de fatores como peso fonológico da estrutura, focalização e velocidade de fala, que vão motivar a reestruturação dos constituintes e levar a uma incongruência entre estrutura prosódica (divisão rítmica e entoacional das frases) e estrutura sintática. Não deixa de ser, então, um desafio teórico a não correspondência entre as estruturas, já que estrutura sintática e a estrutura prosódica não são isomórficas. A organização sintática fornece informações importantes para a constituição prosódica, mas o constituinte sintático não precisa necessariamente corresponder a uma única frase prosódica.

Aprofundando o gabarito da questão, podemos dizer que o desafio teórico que estou procurando discutir se refere à recursividade nas duas estruturas. A sintaxe é naturalmente recursiva: dentro de uma oração, podemos ir colocando outra, outra, outra... Em uma frase nominal, podemos ir acrescentando infinitamente adjetivos, por exemplo. A geometria das estruturas sintáticas pode ser, portanto, muito complexa. Nas propostas iniciais de hierarquia prosódica, não é prevista a recursividade; pelo contrário, um constituinte prosódico só poderia conter elementos da categoria imediatamente inferior, de acordo com a *Strict Layer Hypothesis*. Com a aplicação dos princípios teóricos aos fatos das línguas, se percebeu que a questão da recursividade prosódica precisava ser flexibilizada (Selkirk 2011), a fim de permitir que um constituinte prosódico de determinado nível pudesse conter outro constituinte do mesmo nível (para o PE, ver as propostas de Frota (2000) e Vigário (2010), e, para o PB, a de Fernandes-Svartman (2026 a sair)). Ou seja, segundo essas

propostas, é permitido o encaixe de categorias idênticas em um domínio prosódico composto, um deles denominado domínio máximo e o outro, domínio mínimo.

Quem se interessa pelos estudos de interface vai se perguntar, por exemplo, sobre quais propriedades da sintaxe são preservadas nos domínios prosódicos e quais são passíveis de serem modificadas. Há estudos que mostram, por exemplo, que fronteiras prosódicas produzidas em pontos não coincidentes com fronteiras sintáticas são simplesmente ignoradas pelos ouvintes, quando perguntados sobre a existência de uma ruptura no discurso. Isso demonstra que há propriedades sintáticas que precisam ser preservadas no domínio prosódico, enquanto outras podem ser alteradas. Segundo a proposta de hierarquia prosódica via Teoria da Otimalidade, restrições de mapeamento relacionadas ao isomorfismo entre a estrutura sintática e a estrutura prosódica, restrições de boa formação relacionadas ao tamanho dos constituintes, entre outras, estão ativas, permitindo que o produto das restrições da interface contenha incompatibilidades entre sintaxe e prosódia e até mesmo prevendo que forma estas assumirão (Selkirk 2011). O modelo de Selkirk trata as violações da *Strict Layer Hypothesis* não como anomalias, mas como resultado da interação entre a restrição de correspondência sintático-prosódica e restrições prosódicas universais sobre tamanho e marcação puramente fonológicas.

Um outro desafio que posso mencionar⁶ (não exatamente do trabalho com a interface), e que, segundo entendo, continua vivo, é o trabalho com a fala espontânea. As técnicas de captação e tratamento de áudio avançaram muito, mas realizar análises com a fala de fato espontânea, gravada em ambiente espontâneo, é desafiante. Além disso, lidamos com uma previsibilidade um pouco menor de organização do discurso espontâneo, porque as disfluências são o que de mais natural pode acontecer ali. Para quem estuda o fraseamento prosódico, por exemplo, é importante diferenciar o que são pausas gramaticais, que delimitam constituintes bem formados, daquelas que ocorrem para atender a demandas respiratórias ou ao planejamento do discurso. São muito comuns, portanto, na fala espontânea, a ocorrência de hesitações, pausas preenchidas, falsos começos etc. Sem contar que o

⁶ Agradeço a Vitor Caldas (Pós-Doutorado FAPERJ Nota 10/UFRJ) pela conversa que tivemos sobre os desafios do trabalho com a fala espontânea.

discurso espontâneo está bastante sujeito a interferências microprosódicas⁷ que dificultam a observação da curva melódica das frases. Consoantes desvozeadas interrompem a curva melódica, vogais podem ser desvozeadas ou produzidas com *creaky voice*, principalmente no final dos enunciados, região fundamental para a observação da melodia principal da frase... Por tudo isso, considero que o pesquisador que lança mão de *scripts* para automatizar as etapas de uma análise acústica (segmentação, anotação dos *corpora*, extração de medidas de Fo, duração e intensidade, normalização de valores etc), especialmente quando se trata de fala espontânea, deve sempre passar um pente fino nas análises, corrigindo manualmente o que o programa não conseguiu operacionalizar de forma satisfatória. A análise quantitativa em larga escala deve estar acompanhada de uma análise qualitativa, para separar o joio do trigo.

ReVEL – Como pesquisadora da interface sintaxe-prosódia, como você descreveria a agenda de pesquisa do campo hoje, ou seja, quais são as maiores preocupações? Considerando isso, quais são as perspectivas futuras para a área?

CAROLINA SERRA – Correndo o risco de deixar alguma tendência mais atual de estudos de fora, vou citar quatro ramos que têm merecido atenção dos prosodistas mais recentemente, que interagem/podem interagir com a sintaxe.

Poucas temáticas na atualidade envolvendo os estudos prosódicos são tão relevantes quanto a da fala atípica/neurodivergente. Os resultados das pesquisas nessa área têm um potencial grande de impactar positivamente outras áreas do conhecimento, como a da medicina, da fonoaudiologia, da psicologia e da educação; as investigações sobre a relação entre linguagem e neurodiversidade são, portanto, da maior importância, além de promissoras. A formação e a reestruturação das frases

⁷ As interferências microprosódicas são, grosso modo, alterações provocadas pelas características articulatórias dos segmentos que compõem um enunciado; podem produzir variações no contorno de Fo que não correspondem propriamente a eventos melódicos, mas resultam da interação entre a articulação dos sons e a vibração das pregas vocais. Interferências microprosódicas ocorrem tanto na fala espontânea quanto na fala lida, mas, em tarefas com fala controlada, com frases ou textos maiores a serem lidos, podemos, por exemplo, escolher utilizar a maioria de consoantes vozeadas, o que minimiza a dificuldade de observação da curva de Fo e, consequentemente, esse tipo de efeito microprosódico. Agradeço ao João Moraes, por trocar comigo essas ideias, agora e sempre.

prosódicas, a ocorrência e a duração de pausas silenciosas e de alongamentos silábicos e o alcance da frequência fundamental e da intensidade em pontos chave dos enunciados, potencialmente, serão divergentes relativamente ao que prevê a literatura para a fala típica.

Outro campo que está na crista da onda é o da prosódia multimodal, que conta já com alguns estudos brasileiros que articulam a prosódia da fala à chamada prosódia visual. Essa perspectiva permite compreender de que modo informações provenientes das modalidades auditiva e visual, associadas, são capturadas pelo interlocutor para a interpretação dos enunciados, contribuindo para uma concepção mais abrangente da prosódia como fenômeno multimodal, dinâmico e situado no contexto pragmático. São pesquisas muito relevantes, pois ampliam a compreensão da “fala” para além dos sinais sonoros e reconhecem que a construção do significado mobiliza a integração entre som e gesto, visto que este potencializa aquele. Elementos como entoação, ritmo, proeminência e qualidade da voz atuam em conjunto com gestos, movimentos da cabeça e expressões faciais, colaborando para a organização do discurso, a sinalização de foco e a expressão de atitudes e emoções, o que dá ideia da complexidade dos aspectos envolvidos para a comunicação humana.

O presente e o futuro da prosódia também passam pela modelagem computacional da fala, com iniciativas como a anotação automática de grandes *corpora*, o alinhamento sintaxe-áudio, inteligência artificial (IA), emprego de métodos de aprendizado de máquina que permita investigar a relação entre propriedades sintáticas e pistas acústico-prosódicas, detecção automática de fronteiras e muito mais. Vemos no Brasil o avanço da chamada Linguística Computacional em tempos de IA. Tem havido um progressivo aprimoramento das tecnologias de síntese de fala baseadas em inteligência artificial, que já dispõe de propriedades entoacionais bastante similares às da fala natural. Isso quer dizer que sistemas computacionais são capazes de reproduzir a entoação da fala humana de maneira bastante satisfatória do ponto de vista perceptivo.

Outro campo que merece destaque é o que articula prosódia, sintaxe e escrita, sendo particularmente relevante para as aplicações em sala de aula. Essa articulação permite compreender de que modo propriedades da organização prosódica da fala podem contribuir para a construção e a interpretação das estruturas sintáticas na

modalidade escrita. A investigação dessa interface pode favorecer a compreensão de fenômenos como segmentação de palavras, pontuação, organização dos constituintes, relações de dependência sintática. Do ponto de vista pedagógico, essa perspectiva pode contribuir para práticas de ensino que aproximem oralidade, leitura e escrita, levando o aluno a perceber como diferentes recursos linguísticos participam da construção do sentido e da gramática do texto. Além disso, pode auxiliar o professor a desenvolver estratégias para o ensino da pontuação, da leitura expressiva, da compreensão textual e da produção escrita, favorecendo uma abordagem integrada dos componentes fonológico, sintático e discursivo da língua.

Quero terminar dizendo que continuam em alta, entretanto, os estudos sobre a relação entre sintaxe e fraseamento prosódico, em fala espontânea, em fala controlada, em tarefas de *map task* e de DCT (*Discourse Completion Task*); sobre a interface prosódia, sintaxe e processamento de sentenças (ambíguas e não ambíguas); sobre a relação entre prosódia e estrutura informacional, que envolve a manifestação do tópico, do foco, de informações dadas e novas; sobre a interface entre sintaxe, prosódia e pragmática, nos estudos sobre expressividade (fonoestilos, atitudes e emoções); sobre prosódia regional e modos de frase; entre outros aspectos linguísticos, paralinguísticos e extralinguísticos envolvidos na nossa comunicação.

ReVEL – Costumamos finalizar as entrevistas da ReVEL solicitando sugestões bibliográficas aos nossos entrevistados. Você poderia indicar para nossos leitores alguns textos pioneiros e atuais sobre interface sintaxe-prosódia?

CAROLINA SERRA – Alguns dos textos pioneiros da área já foram mencionados ao longo desta entrevista, aos quais acrescento alguns outros, que servirão como um ponto de partida para os interessados. São obras completas ou artigos/capítulos em coletâneas ou revistas especializadas: Selkirk (1984, 1986, 1996, 2011), Nespor & Vogel (1986), Inkelas & Zec (1995), Truckenbrodt (1999), Carlson; Clifton Jr.; Frazier (2001), Clifton Jr.; Carlson; Frazier (2002, 2006), Fodor (2002a, 2002b), além de Jun (2005, 2014) e Ladd (2008[1996]). Uma referência com a qual tive contato mais recentemente é Féry, Feldhausen & Kügler (2024). Este número da *Languages*

contém trabalhos sobre diversas línguas e diferentes modelos de mapeamento sintaxe-prosódia.

Para as referências mais atuais, e especificamente sobre o PB, prefiro apresentar uma lista de pesquisadoras que trabalham de forma sistemática na interface sintaxe-prosódia, juntamente com o *link* para seus currículos Lattes, de forma a permitir que os leitores possam tomar contato mais amplamente com seus grupos de pesquisa, parcerias, publicações e orientações/trabalhos de orientandos. É também uma forma de otimizar o espaço de que disponho neste número. Preciso dizer também que o presente número da Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL será uma referência importante para os estudos sobre a interface.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani

<http://lattes.cnpq.br/5984303662039912>

FONSECA, Aline Alves

<http://lattes.cnpq.br/3812887394679047>

SERRA, Carolina Ribeiro

<http://lattes.cnpq.br/5878437077874490>

SILVESTRE, Aline Ponciano dos Santos

<http://lattes.cnpq.br/6087027102691784>

TENANI, Luciani Ester

<http://lattes.cnpq.br/7563247206294663>

Referências bibliográficas

ANTUNES, Leandra. O papel da prosódia na expressão de atitudes do locutor em questões. 2007. Tese (Doutorado) –Universidade Federal de Minas Gerais, Rio de Janeiro, 2007.

ANTUNES, Leandra. Análise prosódica de sentenças declarativas e interrogativas do dialeto mineiro (Brasil) com diferentes Sintagmas Nominais (SN's) na posição de sujeito. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. IX, 2011.

AUBERT, Francis Henrik. Preliminares para um estudo perceptivo da entonação. *Estudos Lingüísticos*, n.1, 1976.

BISOL, Leda. O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, 1996.

BISOL, Leda. O sândi e a sintaxe. In: AGUILERA, Vanderci. *Estudos Fonéticos e Fonológicos*. Londrina: Editora UEL, 1999.

BISOL, Leda. A elisão, uma regra variável. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n.1, 2000a.

BISOL, Leda. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 9, n.1, 2000b.

BISOL, Leda. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. *Fonologia e variação: recortes do português*. 1ªed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, Leda. Sandi vocálico externo. In: ABAURRE, Maria Bernadete. *Gramática do português culto falado no Brasil: Volume VII: a construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer* [programa de computador]. Amsterdam: Institute of Phonetic Sciences, University of Amsterdam. Disponível em: <https://www.praat.org/>.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A entoação do Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos*, n.3, 1980.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro. *Série Estudos*, n.8, 1982.

CALDAS, Vitor Gabriel. *The role of prosody in the processing of garden-path sentences: online and offline evidence from production and comprehension*. 2022. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

CALLOU, Dinah; MORAES, João Antônio; LEITE, Yonne; KATO, Mary Aizawa; OLIVEIRA, Célia Regina Lopes de; COSTA, Elenice; ORSINI, Mônica; RODRIGUES, Violeta. Topicalização e deslocamento à esquerda: sintaxe & prosódia. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado v. 3: As abordagens*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CARLSON, Katy; CLIFTON JR., Charles; FRAZIER, Lyn. Prosodic boundaries in adjunct attachment. *Journal of Memory and Language*, 45. 2001.

CARNAVAL, Manuella. *Focalização no Português do Brasil: um estudo multimodal*. 2021. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CASTELO, Joelma. *A entoação dos enunciados declarativos e interrogativos no português do Brasil: uma análise fonológica em variedades ao longo da costa atlântica*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

CHAFE, Wallace L. Punctuation and the Prosody of Written Language. *Written Communication*, v. 5, n. 4, 1988.

CLIFTON JR., Charles; CARLSON, Katy; FRAZIER, Lyn. Informative Prosodic Boundaries. *Journal Language and Speech*, 45. 2002.

CLIFTON JR., Charles; CARLSON, Katy; FRAZIER, Lyn. Tracking the what and why of speakers' choices: Prosodic boundaries and the length of constituents. *Psychonomic Bulletin & Review*. v.13 (5). 2006.

CRYSTAL, David. *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

CUNHA, Cláudia. *Entoação regional no português do Brasil*. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

FERNANDES, Norma Hochgreb. *Contribuição para a análise instrumental da acentuação e da intonação do português*. 1976. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 1976.

FERNANDES, Flaviane Romani. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FERNANDES-SVARTMAN, Flaviane Romani. *Constituintes entoacionais e domínios prosódicos em português brasileiro*. A sair.

FERREIRA NETTO, Waldemar; PERES, Daniel Oliveira; MARTINS, Marcus Vinicius Moreira; VIEIRA, Maressa de Freitas. Tentativa de disposição de registros entoacionais num eixo horizontal organizado pela tensão entoacional. *Gradus - Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório*, v. 2, 2017.

FERREIRA NETTO, Waldemar. Variações entoacionais internas às unidades de suporte prosódico em relação ao Tom Médio em narrativas. *Estudos da língua(gem) (online)*, v. 18, 2020.

FÉRY, Caroline; FELDHAUSEN, Ingo; KÜGLER, Frank. *Syntax-Phonology Interface and Recursivity*. *Languages*, v. 9, n. 2, 2024.

FODOR, Janet Dean. Learning to parse? In. SWINNEY, David. *Anniversary issue of Journal of Psycholinguistic Research*, v. 27, n. 2, 1998.

FODOR, Janet Dean. *Psycholinguistics cannot escape prosody*. In: *Speech Prosody 2002*, Aix-en-Provence, 2002a.

FODOR, Janet Dean. Prosodic disambiguation in silent reading. In *Proceedings of the North East Linguistic Society 32*, GSLA, University of Massachusetts, Amherst, 2002b.

FONSECA, Aline Alves. *A prosódia no parsing: evidências experimentais do acesso à informação prosódica no input linguístico*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FRASCARELLI, Mara; HINTERHÖLZL, Ronald. Types of topics in German and Italian. In: WINKLER, Susanne; SCHWABE, Kerstin. *On information structure, meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

FREITAS, Myriam Azevedo. *Prosódia e sintaxe: delimitação e contraste de estruturas*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

FROTA, Sónia M. Campos. *Prosody and focus in European Portuguese: phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, Sónia M. Campos; VIGÁRIO, Marina. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In: CASTRO, Rui Vieira de; BARBOSA, Pilar. *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, 2000.

GEBARA, Ester Scarpa. *Alguns aspectos da intonação no Português*. 1976. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1976.

GONCALVES, Carlos Alexandre Victorio. *Focalização no Português do Brasil*. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victorio. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 31–50, jan./jun. 1998.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *A Course in Spoken English: Intonation*. Londres: Oxford University Press, 1970.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. The tones of English. In: JONES, William E.; LAVER, John (Ed.). *Phonetics in Linguistics: A Book of Readings*. Londres: Longman, 1973.

HOCHGREB, Norma. *Análise acústico-perceptiva da entoação do português: a frase interrogativa*. 1983. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1983.

INKELAS, Sharon; ZEC, Draga. Syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, John A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

JUN, Sun-Ah. *Prosodic typology: The phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

JUN, Sun-Ah. *Prosodic typology II: The phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LADD, Dwight Robert. *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LADD, Dwight Robert. *Intonational phonology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LEHISTE, Ilse. *Suprasegmentals*. MIT Press, 1970.

LIBERMAN, Mark. *The Intonational System of English*. New York: Garland Publishing, 1979.

LUCENTE, Luciana; BARBOSA, Plínio Almeida. Sistema DaTo de notação entoacional do português brasileiro: teoria e funcionamento. *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, Porto Alegre, v. 4, 2009.

LUCENTE, Luciana. Aspectos Dinâmicos da Fala e da Entoação do Português Brasileiro. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MADUREIRA, Sandra. Entoação e síntese de fala: modelos e parâmetros. In: SCARPA, Ester Mirian (org.). *Estudos de prosódia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

MADUREIRA, Sandra; PAES, Juliana C.; FONTES, Mário. Variantes prosódicas do Português Brasileiro: o alinhamento sul/sudeste/nordeste. In: MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA, Rosa Lúcia (Org.) *I Jornadas Científicas AMPER-POR. Actas*, Aveiro, 2007.

MADUREIRA, Sandra; TAMASHIRO, Marcela. Análise dos padrões entoacionais do Português Brasileiro (projeto AMPER-POR). *Revista Intercâmbio*, n.º 27, 2013.

MARTINS, Marcus Vinicius Moreira; FERREIRA NETTO, Waldemar. Proposal of description for an intonation pattern: The simulacrum of neutral intonation. *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 141, 2017.

MIRANDA, Luma da Silva. *Estudo fonético-perceptivo da entoação de enunciados assertivos, interrogativos e exclamativos no português do Brasil: uma análise multimodal*. 2019. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MORAES, João Antônio de. *Rechercher sur l'intonation modale du Portugais Brésilien*. 1984. Thèse (Doctorat de 3ème cycle) - Université de Paris III, Paris, 1984.

MORAES, João Antônio de. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 25, 1993.

MORAES, João Antônio de. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, Daniel; DI CRISTO, Albert (Ed.). *Intonation Systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

MORAES, João Antônio de. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: *Proceedings of the 4th International Conference on Speech Prosody*. Campinas: ISCA, 2008.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic phonology: with a new foreword*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2007.

OLIVEIRA JÚNIOR, Miguel de. *Prosodic features in spontaneous narratives*. 2000. Thesis (Ph.D. in Linguistics) — Simon Fraser University, Vancouver, Canadá, 2000.

OLIVEIRA JÚNIOR, Miguel de. The use of pitch range in the structuring of spontaneous narratives, In: *XVII International Congress of Linguists*, Praga, 2003.

ORSINI, Mônica Tavares. *As construções de tópico no português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. 2003. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

PIERREHUMBERT, Janet. *The phonology and phonetics of English intonation*. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 1980.

PIKE, Kenneth L. *The Intonation of American English*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1945.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; JESUS, Andréa Ulisses; DEUS, Luciano Alves de. Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 15, n. 2, 2007.

REIS, César. *Aspectos entoacionais do Português de Belo Horizonte*. 1984. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1984.

REZENDE dos REIS, Eduardo P. O fraseamento prosódico do redobro do sujeito no português brasileiro e a sua relação com o discurso: um estudo de interface. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, 2025.

RIZZO, Josefa Freixa Pascual. *O papel da entonação do Português Brasileiro na descrição dos Atos de Fala*. 1981. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.

SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: MIT Press, 1984.

SELKIRK, Elisabeth. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook*, n. 3, 1986.

SELKIRK, Elisabeth. The prosodic structure of function words. In: MORGAN, James L.; DEMUTH, Katherine. *Signal to syntax: prosodic bootstrapping from speech to grammar in early acquisition*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1996.

SELKIRK, Elisabeth. The syntax-phonology interface. In: GOLDSMITH, John; RIGGLE, Jason; YU, Alan. *The handbook of phonological theory*. 2nd ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.

SERRA, Carolina. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SERRA, Carolina. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. *Journal of Speech Sciences*, v. 5, 2016.

SERRA, Carolina. Fonologia da prosódia 1: acento e ritmo. In: *Speech Sciences Entries*. Speech Prosody Studies Group, 2020.

SERRA, Carolina. Fonologia da prosódia 2: tom e entoação. In: *Speech Sciences Entries*. Speech Prosody Studies Group, 2020.

SILVESTRE, Aline P. Santos. *A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVESTRE, Aline Ponciano dos Santos. “Ai, se eu te pego...”: aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa. São Paulo: Editora da Abralín, 2021.

SONCIN, Geovana Carina Neris. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!*. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

STEIN, Cirineu Cecote. *A pré-indicação prosódica para as orações subordinadas adverbiais no português brasileiro e no francês*. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

TENANI, Luciani Ester. *Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do Projeto da Gramática do Português Falado*. 1996. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

TENANI, Luciani Ester. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, Luciani Ester. A importância da proeminência da frase fonológica no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, 2004.

TENANI, Luciani Ester. Considerações sobre a relação entre processos de sândi e ritmo. *Estudos da Língua(gem)*, v. 3, n. 1, 2006.

'T HART, Johan; COLLIER, René; COHEN, Antonie. *A perceptual study of intonation: an experimental-phonetic approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRUCKENBRODT, Hubert. On the relation between syntactic phrases and phonological phrases. *Linguistic Inquiry*, v. 30, n. 2, 1999.

TRUCKENBRODT, Hubert; SÂNDALO, Maria Filomena Spatti; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. *Elements of Brazilian Portuguese intonation*. Journal of Portuguese Linguistics, v. 8, n. 1, 2008.

VIGÁRIO, Marina. Prosodic structure between the Prosodic Word and the Phonological Phrase: Recursive nodes or an independent domain? *The Linguistic Review*, v. 27, n. 4, 2010.

WILTSCHKO, Martina. *The Grammar of Interactional Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

Editoras e editores

Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL

Qualis A2

ISSN 1678-8931

www.revel.inf.br